

# IMITATIO JUNGI

Gustavo Wickert - Psicólogo

Candidato a analista junguiano pelo IJRS

Orientadora:

Corina Post

Analista Junguiana pelo IJRS

Julho de 2019

## **Resumo**

O presente artigo traz uma reflexão a cerca do processo de formação analítica junguiana. Partindo da figura de Jung enquanto imagem de um inconsciente que se realizou, o autor discute a cerca da importância da atenção ao processo pessoal do analista, que se dá tanto através da análise quanto na relação com a vida.

O que é ser Junguiano? Jung é fascinante por vários motivos, dada a extensão e a complexidade de sua obra. Ela se presta a diversas interpretações. Ninguém é dono de Jung, e cada um tem o seu Jung. A construção social da figura do Analista Junguiano é relativamente recente. A estruturação de um programa de formação de analistas surgiu com a fundação da IAAP, em 1955. Antes disso, alguns poucos colaboradores próximos a Jung, tendo sido supervisionados e analisados pelo próprio, conquistaram a prerrogativa de serem chamados de analistas junguianos. Tal titulação, como se sabe, foi inventada à revelia do próprio, que sempre se mostrou cético em relação à qualquer escola de pensamento:

“A psique não pode ser apreendida numa teoria; tampouco o mundo. As teorias não são artigos de fé; quando muito, são instrumentos a serviço do conhecimento e da terapia; ou então não servem para coisa alguma” (Jung, 2008)

No entanto, Jung deixou um legado tão vasto que cá estamos nós, contrariando seu desejo, virando e revirando cada palavra sua. Quem escolhe a clínica junguiana geralmente o faz por uma profunda identificação pela psicologia analítica. O candidato a analista chega à formação já tendo percorrido uma longa caminhada tanto em termos teóricos quanto de análise pessoal. Entrar num programa de formação de analistas representa o ápice desta escolha, e uma espécie de reafirmação. Ao cumprir com todos os “ritos” da formação, vivemos também a dimensão arquetípica de um processo de iniciação.

Sobre a formação analítica, Boechat diz o seguinte:

“O processo de se tornar um analista junguiano envolve basicamente um encontro consigo mesmo, um olhar para seu próprio mundo interior. Sua característica principal: é um processo simbólico, mítico e não apenas literal em suas dimensões externas. Não envolve apenas o curso de pós-graduação com seus primeiros contatos com a psicologia de Jung, a formação com seus longos anos de seminários, supervisões e o curso de formação de didatas. Esses são apenas aspectos externos dessa caminhada, a

longíssima via, como diriam os alquimistas medievais. O mais importante processo ocorre na subjetividade. Os símbolos do inconsciente marcam os momentos cruciais de transição. Esses símbolos se constelam na análise didática, mas também podem marcar outras instâncias da formação, como um seminário ou a escolha de um tema para a monografia de fim de curso. Caso o candidato não esteja em contato com essa dimensão simbólica, ele não estará se tornando um analista junguiano.”<sup>1</sup>

Queremos ir mais fundo, e a formação traz essa imagem de aprofundamento e intensidade. As experiências vividas em formação ajudam a constelar o movimento interno de cada candidato. Chegamos aqui, eu e minha turma, aproximadamente, à metade do programa de formação analítica. Cabe, neste momento, tentar (re)afirmar o significado desta escolha. Para tanto, talvez seja interessante buscar, dentre a variedade de “Jungs” possíveis, aquilo que traduza a quintessência deste “ser junguiano”.

Pensando nas palavras de Boechat, estamos, cada um de nós, formando o nosso jeito particular de ser na clínica e no mundo. Este processo envolve o encontro, sem desvios ou subterfúgios, com nossa equação pessoal. *“A arte requer o homem todo”*. Tornar-se analista junguiano passa pela entrega ao processo pessoal de autoconhecimento, que se dá pela via do confronto com o inconsciente.

O fato de ser uma psicologia centrada na figura de uma pessoa constela nos junguianos a (in)cômoda posição de “discípulos”. Seguimos Jung por vezes até com altas doses de devoção e idolatria. O “culto de Jung”, segundo Barreto, de fato existe, e remonta a época em que ele ainda era vivo. Este fenômeno, segundo o autor, é paradoxal, na medida em que o pretende ser o “caminho da salvação” (individuação) ao mesmo tempo a impede. “O próprio Jung, assim como o Zaratustra que ordena aos discípulos que o renequem, dizendo que a capacidade de imitar era prejudicial à individuação, reservava a exclusividade da logomarca “janguiano” para si próprio” (Barreto, 1996)

Seguimos Jung pela força de suas idéias. Mas também é importante admitir que seu poder de influência transcende os aspectos racionais de sua obra. Jung tornou-se uma imagem. A imagem de um inconsciente que se realizou.

Jung nos convida a sermos ambiciosos, a sonhar os grandes sonhos e a encontrar com nosso destino. “Individuação”, “encontro com o Self”, metas grandiosas. Ele nos faz acreditar numa espécie de utopia, um ideal de “encontro com a alma”, tal qual o poeta que, insatisfeito com a trivialidade da vida, ergue sua voz e diz “*Eu tenho uma porção de coisas grandes pra conquistar e eu não posso ficar aí parado*”. Sobre a utopia, diz Eduardo Galeano:

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”<sup>2</sup>

Jung encarnou a utopia da individuação. Ela nos remete à idéia da busca por um sentido profundo para nossa vida. Para Jung (1998) a verdadeira meta é o processo em si, a busca pela realização da personalidade originária. A meta é o que faz nosso caminho mais interessante. Uma das grandes imagens desta busca para nós ocidentais, segundo Jung, é a figura de Cristo. Segundo ele, o cristianismo traz em si a idéia de que todo o ser humano é dotado de uma alma imortal, e que a imagem de Cristo funcionaria como um exemplo de um homem que viveu o seu destino. Diz Jung(2002) que

“A imitação de Cristo poderia muito bem ser compreendida em seu sentido mais profundo como a obrigação de realizar, com a mesma coragem e o mesmo auto-sacrifício de Jesus, a convicção mais autêntica e essencial da própria vida”(JUNG, 2008, pg. 57)

Ele lembra, no entanto, que a grande desvantagem do cristianismo é que o fiel acaba por transformar Jesus num objeto externo de culto, e essa veneração o impede de atingir as profundezas da alma. Portanto, Jung nos fala de duas maneiras de seguir um mestre, uma superficial e outra profunda. A veneração e o culto ao mestre e a sua

“doutrina” podem representar uma forma de escapar de nossa própria jornada. O caminho da individuação é o oposto disso. “trata-se de realizar o modelo segundo os meios próprios de cada um – *Deo concedente* – na esfera da vida individual.” (Jung, 1991) Não há dúvida de que Jung levou até as últimas consequências o *Imitatio Christi* em seu sentido profundo.

A individuação, segundo Barreto, pressupõe a disponibilidade para o autossacrifício – o sacrifício do eu em face as exigências do si mesmo, o que implica também na disponibilidade para suportar o sofrimento. Jung (2014) é enfático neste sentido:

“Quem não esteve lá embaixo, não esteve na terra. E o que é de fato o sentido de nossa existência? Devemos ser todos tigres, tigres amáveis que só se alimentam de maçãs? Isso simplesmente é uma anormalidade, algo doentio. E assim é o homem que não vive na terra e não paga a ela seu tributo. Não é algo que fazemos voluntariamente. (...) A vida é um risco! E caso não seja, nada aconteceu.”(Jung, 2014, pg 66 e 67)

Enquanto especialistas na arte de ajudar pessoas a encontrar seu caminho individual, nossa principal ferramenta somos nós mesmos, nossa personalidade. (JUNG, 2008) Não há, no entanto, um parâmetro que dê ao analista a segurança de estar de fato em dia com sua equação pessoal. Podemos afirmar, contudo, que há o risco, entre os profissionais da área, a se considerarem neste lugar. Consultórios cheios podem agravar esta percepção, por vezes distorcida.

A prática da psicoterapia junguiana, segundo Jacoby (2003), se dá no encontro entre duas pessoas, com a finalidade de entender o que está ocorrendo no inconsciente de uma delas. Este encontro dual nos remete ao que Guggenbühl-Craig chama de arquétipo do terapeuta-paciente. Como todo arquétipo, este também possui uma sombra. Levanta-se aqui uma questão delicada tanto para o psicoterapeuta quanto para os programas de formação analítica. Como prevenir a cisão do arquétipo terapeuta-paciente, onde o terapeuta se vê como o portador de consciência e o paciente é visto como doente?

“O psicoterapeuta se encontra numa situação psicológica extremamente difícil e perigosa, seja qual for o ângulo sobre o qual examinemos seus problemas. À medida em que seu modelo básico é o do médico, ele está sujeito à tentação de reprimir um pólo do arquétipo e projetá-lo sobre seus pacientes. Como frequentemente ocorre com os médicos, o exercício do poder representa aqui uma tentativa de superar essa cisão. A polaridade terapeuta-paciente é ainda intensificada por aquela consciente-inconsciente. A inconsciência é projetada sobre os pacientes, enquanto o analista, cujo trabalho consiste em conduzir-nos a uma consciência mais ampla, se vê injustificadamente a si mesmo como alguém especialmente consciente. Mas mesmo tendo em parte atingido uma genuína consciência, ele não pode evitar um aprofundamento dessas sombras em seu próprio inconsciente. É nessa região obscura que atuam os irmãos sombrios do sacerdote e do médico, aos quais o terapeuta está intimamente associado – ou seja, o falso profeta e o charlatão.”(Craig, 2008, pg 84)

Ser psicoterapeuta exige, portanto, atenção a estas questões. Um dos grandes riscos para todo o psicoterapeuta, segundo Guggenbühl-Craig (2008), é tornar-se uma pessoa que vê a análise como a grande via não só para a saúde mental como para a salvação da alma:

“Os relacionamentos, a amizade, os laços de família, a arte, a vida social, tudo se reduz ao analítico e ao psicológico. O analista já não está mais aberto ao Ser no sentido existencialista, mas refugiou-se numa torre de marfim e só vê e experimenta o mundo a partir desta perspectiva”

O próprio Jung (2008) adverte para o perigo de transformar a psicologia analítica em uma cosmovisão. Por se tratar de uma ciência, segundo ele, ela fornece as ferramentas para que cada um possa construir sua visão de si mesmo e de mundo. Jung percebia o risco de que suas palavras fossem tomadas como verdade absoluta e universal. Infelizmente, por mais que ele alerte em relação a isso, este perigo sempre

existe. Somado a isso, nossas análises pessoais, quando bem sucedidas, produzem no analisando a sensação de poder e segurança próprios de quem lutou e “venceu” seus demônios. Neste cenário, o grande perigo é o analista glorificar a análise como o lugar das grandes transformações e transformar a psicologia analítica uma espécie de filosofia de vida. Precisamente aí é que atua a sombra do charlatão, aquele que “conhece” o caminho e irá mostrá-lo a seu paciente. Nestes casos, a devoção a Jung pode atuar de forma nefasta. Há sempre o risco de o universo junguiano se assemelhar a uma seita. O caminho de Jung é a antítese disto.

Ainda segundo Guggenbühl-Craig (2008), o antídoto contra estes males não se encontra na análise, e sim num investimento pessoal em relações humanas, não profissionais. “O terapeuta deve se expor a algo que o toque de perto, algo não analítico (pois domina em excesso a técnica analítica) capaz de balançar seu equilíbrio, estimulá-lo, mostrar-lhe de vez em quando quem ele é” (Craig, 2008, pg.122). De novo, recorremos a Jung (1995):

“Qualquer pessoa que deseje conhecer a psique humana não aprenderá quase nada a partir da psicologia experimental. Seria melhor se abandonasse a sua beca, desse adeus a seus estudos e vagasse pelo mundo com o coração aberto. Ali, no horror das prisões, em asilos de loucos e em hospitais, em monótonos botequins suburbanos, em bordéis e casas de jogos, nos salões elegantes, na Bolsa de Valores, nas reuniões dos socialistas, nas igrejas, nas assembléias dos evangelistas e nas seitas extáticas, através do amor e do ódio, pela experiência da paixão em todas as suas formas no seu próprio corpo, ela colheria mais provisões de conhecimento do que em livros de 30 centímetros de espessura, e aprenderia como tratar dos doentes com um verdadeiro conhecimento da alma humana” (JUNG, 2008 pg.112)

A individuação se dá no mundo. A palavra estranho, do latim extraneus, significa que é “de fora”. Para conhecer, tanto a nossa psique quanto a psique do mundo é preciso sair de si. O mundo é este Outro absoluto. A possibilidade de

*individuação*, segundo Barreto (2009) está condicionada à capacidade de se defrontar com este Outro que se apresenta como enigma por vezes impossível de decifrar.

Ao observarmos a história pessoal de Jung, percebemos a marca de um sujeito aberto às experiências. Já na infância o Jung menino se perguntava, sentado sobre uma pedra: “eu é quem estou sentado na pedra? ou eu sou a pedra em que *ele* está sentado?”. Temos também um Jung estudante de psiquiatria, que no convívio intenso com pacientes gravemente enfermos, fez as suas primeiras grandes descobertas científicas. Temos o Jung artista criativo, que deu forma às suas fantasias através da pintura. Temos o Jung amante sedutor, e um Jung que se embrenhou na África para conhecer o mundo das tribos, e que viveu a experiência de ser arrebatado pelas danças rituais e pelo toque de seus tambores.

Jung vagou pelo mundo de peito aberto. Viveu o céu e o inferno de suas paixões, à sua maneira. Se assim o fez, foi em busca de seu mito pessoal. Encarnar nosso mito pessoal é o que de melhor podemos fazer para ajudar nossos pacientes a trilhar o seu caminho. A questão que fica é se nós, ditos Junguianos, somos capazes de um verdadeiro *Imitatio Jungi*, entregando-nos ao nosso processo com a mesma coragem que nosso mestre inspirador?

## Referências Bibliográficas:

BARRETO, Marco Heleno. A dimensão ética da psicologia analítica: Individuação como “realização moral”. In: Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, vol. 21. 2009

BARRETO, Marco Heleno. Observações a respeito de “ O culto de Jung”, de Richard Noll. Belo Horizonte, editora Síntese Nova Fase, 1996. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/984/1418>

acesso em 22. maio 2019

GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. O abuso de poder na psicoterapia. São Paulo: Paulus, 2008

HYDE, Maggie e MCGUINNESS, Michael. Entendendo Jung. São Paulo, Leya, 2012

JACOBY, Mario. O encontro analítico. São Paulo: Cultrix, 2003

JUNG, C.G. Psicologia e Alquimia. Petrópolis: Vozes, 1991

\_\_\_\_\_. Psicologia do Inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1995

\_\_\_\_\_. Sobre os sentimentos e a sombra. Petrópolis: Vozes, 2014

\_\_\_\_\_. A prática da psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 2008

## Internet

<sup>1</sup> <http://institutojunguianorj.org.br/formacao/>

<sup>2</sup> <https://www.contioutra.com/para-que-serve-utopia-eduardo-galeano/>